

Teresina (Piauí – Brasil) sob contexto de um bairro: expansão, modernização e origem do bairro Macaúba (1939-1957)

José Ribeiro do Nascimento Neto

Universidade Federal do Piauí

Teresina – Piauí – Brasil

zeribeiro.86@gmail.com

Resumo: A capital do Piauí, Teresina, sofreu os mesmos processos de modernização que as demais capitais do país, além do crescimento demográfico entre as décadas de 1940 e 1980. O propósito do presente artigo é caracterizar a expansão espacial da cidade de Teresina durante essas décadas, sobretudo os bairros populares: Vermelha, Piçarra, Nossa Senhora das Graças, Tabuleta, Pio XII, São Pedro, e, destacando, Macaúba, na zona sul da cidade. Buscando focalizar as sociabilidades que constituíram a região pesquisada, por meio das fontes hemerográficas dos jornais A Cidade, Jornal do Piauí, O Dia e O Piauí, além dos relatórios e mensagens do executivo municipal e estadual, de modo a perceber a origem e formação do bairro, tensões e problemas.

Palavras-chave: Modernização. Cidade. Memória.

Introdução

Teresina é uma cidade marcada por inúmeras temporalidades¹, se nos pautarmos pelas transformações espaciais que esta sofreu. Podemos identificar diversas características que a aproximam de outras capitais brasileiras, as quais passaram por um mesmo processo de transformação, devido ao contexto político nacional ou devido à expansão espacial ocasionada pelo aumento demográfico das cidades entre as décadas de 1940 e 1980. O objetivo do presente artigo é caracterizar a expansão espacial da cidade de Teresina durante essas décadas, sobretudo, os bairros populares da zona sul da cidade, afim de que se estabeleça um olhar mais apurado sobre a formação espacial e social do

¹ O termo temporalidades refere-se às diferentes formas de ver Teresina dado o tempo cronológico, o tempo da memória e a relação entre eles, permitindo “ao historiador trabalhar também com a relação entre tempo, memória e formação do relato histórico” (MARQUES, 2008, p. 43 – 65).

bairro Macaúba. Buscando focalizar as sociabilidades² que constituíram a região pesquisada, por meio das fontes hemerográficas dos jornais *A Cidade*, *Jornal do Piauí*, *O Dia* e *O Piauí*, além dos relatórios e mensagens do executivo municipal e estadual, de modo a perceber a origem e formação do bairro, assim como suas principais tensões e problemas.

O bairro Macaúba é localizado na zona Centro-Sul da cidade de Teresina, tendo como limite na parte oeste os bairros Vermelha e Pio XII; na parte sul o bairro Redenção e Tabuleta; na parte leste o bairro Monte Castelo; e na parte norte o bairro Piçarra, como é representado na figura 1:



Figura 1: Foto de satélite dos bairros de Teresina atualmente
Fonte: Google Maps (2014).

Expansão espacial da cidade: modernização e traumas na zona Sul

O movimento de expansão espacial de uma cidade, ao mesmo tempo que é visto como ‘um progresso necessário’, provoca traumas devido à violência dos desalojamentos de moradores e devido à falta de estrutura básica nos locais destinados a essa população.

² “Supõe um vínculo social, um liame, uma ligação básica e relações sociais focadas em grupos de relações” (LEFÉBVRE, 1991).

Posto isto, Teresina passa por reformulações espaciais, sugerindo várias maneiras de ver os acontecimentos. É importante considerar que a cidade é definida pelas pessoas que a habitam e as mudanças estruturais são as necessidades, desejos, sonhos e traumas da população que compõe o espaço urbano (CORREA, 2002). Ao mesmo tempo, ele é modelado pelo Estado, tendo uma relação recíproca, que consiste em ordenar as sociabilidades que vão além da estrutura de prédios, casas, avenidas e ruas da cidade.

A “vontade” de modernização burguesa sempre esteve presente na ideologia divulgada pelas elites brasileiras, desde a inauguração da República na virada do século XIX para o século XX. Nesse período, Teresina tem sua estrutura intensamente transformada. No pensamento das elites, esta era uma capital, portanto deveria ser uma vitrine para seu estado.

A ditadura de Vargas, na primeira metade da década de 1940, herdará projetos da “Revolução de 1930” que tinha como objetivo criar um “país novo”, restaurar a moralidade e a economia através da educação e do civismo. As mudanças propostas pelo governo federal incluíam uma ampla e autoritária mudança estrutural nas cidades, principalmente, nas capitais. Em termos regionais, tínhamos os interventores Leônidas de Castro Mello como governador do Estado, e Lindolfo do Rêgo Monteiro, como Prefeito de Teresina. Ambos estavam a serviço dos ideais do Estado Novo, destacando a tarefa de organizar a cidade em ambientes modernos, esteticamente belos e separá-los em espaços de moradia, produção, comércio e lazer.

Segundo Antônio Façanha (2004, p. 180), o Estado do Piauí passa por acentuadas mudanças na economia, durante a década de 1940, o que afetará algumas cidades, destacando, a capital:

A cidade de Teresina desempenha o papel de sede administrativa, desde a sua formação, atraindo inúmeros serviços, além de sua crescente função comercial. Reflexo dessa participação na rede urbana piauiense, a cidade sofreu modificações no seu tecido urbano com o aparecimento de novas áreas de crescimento entre os anos 1940 e 1950.

O movimento de migração característico dessa época favorece o surgimento de novas áreas, sendo necessário ter o espaço do comércio, da produção e das moradias, sejam de baixa renda ou de alto e médio padrão. Por sua vez, a necessidade de organização da cidade era parte tanto do projeto estado-novista quanto do governador Leônidas Melo. Este, ao apresentar o projeto de saneamento para Teresina, refere-se a como o aumento demográfico, os problemas que a pequena estrutura de abastecimento de água e a não existência da coleta de esgoto afetava a população:

A cidade, nos últimos anos, tem experimentado considerável crescimento, em superfície e população. O município respectivo, cujos habitantes, pelo censo de 1940 eram em número de 57.000, apesar de desmembrado, para a constituição de dois outros – Altos e São Benedito – conta, na atualidade, mais de 62.000 almas. [...] A rede distribuidora de água potável não pôde acompanhar o avanço célere da cidade. Necessita, por isso, com a maior urgência, distender-se aos novos bairros, ao mesmo tempo que o volume a distribuir precisa ser convenientemente aumentado. [...] Teresina se conserva, apesar do progresso dos últimos tempos, uma das três únicas capitais brasileiras, sem esgotos. É uma falta lamentável que urge sanar. Uma aglomeração de cerca de 50.000 pessoas não se deve manter exposta aos perigos frequentes, resultantes da carência de elementos que assegurem ao meio perfeitas condições de salubridade³.

Dentre muitos projetos de expansão das estruturas básicas vividas em Teresina, esse chama atenção pelo seu contexto, pois o movimento de expansão espacial e populacional foi intenso, como mostra o aumento do número de pessoas, mesmo com o desmembramento de dois municípios, e o surgimento de novos logradouros e bairros.

A preocupação com o melhoramento da estrutura exposta na fala de Leônidas Melo é carregada da ideia estado-novista de transformar o país fisicamente e moralmente. Assim, modernização e progresso tornaram-se palavras inerentes a essa política e, por isso, a expansão espacial deveria receber uma atenção maior por parte do governo.

O crescimento espacial da cidade estende as suas necessidades, o que contribui com o projeto do Estado Novo em organizar o espaço das cidades. Façanha (2004, p. 180-181) identifica os pontos de crescimento da capital entre os anos 1940 e 1950, apontando os locais que surgiram da ocupação espontânea da população, sem a atuação do poder público ou os locais planejados pelo poder municipal e estadual para que fossem ocupados pela população:

Na zona norte, o crescimento se deu em direção aos bairros Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Nas proximidades da área central da cidade, o crescimento ocorria nos bairros Cabral e Ilhotas, enquanto na zona Sul, a expansão acontecia em direção aos bairros Piçarra, Vermelha, São Pedro e Tabuleta, seguindo os espaços entre os rios Poti e Parnaíba.

A lei municipal nº 17 de 1942, do interventor Lindolfo Monteiro, reforça a afirmação de Façanha sobre as mudanças na cidade. O decreto ordenava:

³ 1942 – Relatório do Interventor, Leônidas de Castro Mello, ao Presidente da República, em jul./1942 [caixa 10 – envelope 113 – incompleto] p. 41-42.

[...] dividir em quarteirões, os terrenos da zona suburbana situados ao norte e ao sul da cidade. Art. 1º - Fica o Sr. Prefeito Municipal autorizado a mandar dividir em quarteirões os terrenos situados na zona suburbana, ao norte da cidade, a começar da rua Campos Sales até os terrenos do “Jockey Club”, inclusive os destinados à Vila Operaria. Único – Ficam também compreendidos nesta autorização (sic), os terrenos da parte sul da cidade⁴.

Pode-se observar que o governo municipal privilegia mais o espaço da zona norte em detrimento da zona sul, pois a lei identifica as regiões que foram divididas em quarteirões na parte norte e não na parte sul. Nota-se no discurso do prefeito que ele não se refere a nenhum local específico para o limite da parte sul da cidade. Isso se explica pela falta de um limite natural que na parte norte seria o encontro dos rios Poti e Parnaíba, sendo que nos dias atuais esse “limite” esteja ultrapassado devido a construção de novos bairros e vias de acesso.

O crescimento urbano apresentado por Façanha (2004) mostra regiões que eram ocupadas antes de receberem o nome do bairro pela prefeitura, e outras que receberam o nome, mas não eram ocupadas. Verifica-se que nos bairros Vermelha e Piçarra, já havia moradores anteriormente aos nomes; por outro lado, os bairros São Pedro e Tabuleta receberam o nome antes de serem habitados.

Os bairros São Pedro e Tabuleta foram demarcados ao sul do bairro Vermelha, tendo a Avenida Barão de Gurgueia ligando os três bairros ao centro como um “corredor” viário e o Rio Parnaíba marcando o limite da cidade.

A cidade de Teresina, naquela época, passava por tensões diferentes da expansão espacial que ocorria nos limites da cidade. Eram os incêndios às casas de palha, que provocavam desalojamentos dos moradores, afastando-os do centro da cidade. Francisco Alcides do Nascimento em *Cidade sob Fogo* (2002) discute essas tensões, resultantes das disputas pelos espaços da cidade e explicita os dilemas dessa modernização, onde os pobres de Teresina, migrantes ou não, conviveram cotidianamente com a destruição de suas casas, numa violência tão sistemática quanto atormentadora. Os incêndios tornaram-se constantes e transformaram-se em caso de polícia.

O jornal *O Piauí* em 1949 divulgava acusações contra integrantes do Partido Social Democrático (PSD) de serem incendiários. Este jornal, durante determinado tempo funcionou como diário oficial do Estado, e como o governo era composto pela

⁴ 1940 – Relatório apresentado pelo prefeito de Teresina Lindolfo do Rego Monteiro, referente ao exercício de 1940. [Caixa 1. Envelopes 01-09] Tipografia Popular – Teresina Piauí – 1942 p. 40.

União Democrática Nacional (UDN) ele funcionava como plataforma midiática de acusações contra seus opositores.

Consta insistentemente nos meios populares de que Evilasio Vilanova transitou há alguns dias, por esta Capital onde teve entendimentos secretos com os incendiários do P.S.D. Cuidado, pois, habitantes dos subúrbios⁵

Foram falar em tocar fogo em casa dos pobres e a bancada do P.S.D. correu com a séla. Que terá sido?⁶

Durante aquele contexto, a disputa política era intensa. O decoro era tratado de forma diferente do que nos dias atuais, assim como a explícita aliança política dos jornais, mesmo aqueles tidos como oficiais, como *O Piauí*. Outros mais destacados eram *A Cidade*, ligado à UDN⁷, e o *Jornal do Piauí*, ligado ao PSD, sendo este mais incisivo em suas críticas, provavelmente por ser oposição ao governo naquela época.

Os desalojados e os migrantes que chegavam a Teresina tentavam habitar os setores próximos, de acordo com a possibilidade, do centro da cidade. Assim, a deficiência de transporte coletivo era a razão principal do aglomerado de moradias em torno do centro, problema que aflige até hoje a maioria das cidades brasileiras. Por conseguinte, o Vermelha e o Piçarra foram ocupados, mesmo sem estrutura adequada. Faltavam transporte, abastecimento de água e energia elétrica, ao passo que o poder público parecia não se importar, visto que eram locais de moradias populares.

A região central da zona sul entre os bairros Vermelha e Piçarra recebeu denominação somente alguns anos mais tarde, estando compreendidas entre as avenidas Barão de Gurgueia e Miguel Rosa, esta última construída após serem retirados os trilhos de uma linha férrea que fazia a ligação do Piauí com o porto de Recife pela parte sul do Estado e no princípio foi chamado de Avenida Circular⁸.

A Avenida Miguel Rosa ainda não constituía uma “artéria” da cidade e somente entre as décadas de 1960 e 1970 ela entra para o grupo das principais vias de Teresina. O fato de o bairro Macaúba não ser nomeado na mesma década que alguns de seus vizinhos citados anteriormente serve de base para o entendimento de sua origem.

⁵ *O Piauí*. Teresina, capa, 14 jul. 1949. Ano LX. Nº 503.

⁶ Fugiram como o diabo da cruz. *O Piauí*. Teresina, capa, 13 ago. 1949. Ano LX. Nº 516

⁷ O nosso programa. *A Cidade*. Teresina, capa, 17 jul. 1951. Ano I. Nº 1

⁸ 1940 – Relatório apresentado pelo prefeito de Teresina Lindolfo do Rego Monteiro, referente ao exercício de 1940. [Caixa 1. Envelopes 01-09] Tipografia Popular – Teresina Piauí – 1942 p. 33.

O bairro Macaúba e suas imediações não eram reconhecidos como bairros, provavelmente por se tratar de uma região inapropriada para habitações. Os jornais da década de 1950 que citavam a zona sul, pautam apenas os bairros Vermelha e Piçarra. Com isso, a visibilidade social e midiática da zona sul de Teresina volta-se apenas para esses bairros.

Os problemas sociais narrados expressam a opinião de cronistas em compreender o subúrbio da cidade, como mal assistido pelo poder público e merecedor de melhorias.

“O que vai pelos bairros” focalizando o bairro Vermelha. [...]

A primeira impressão que o leitor desconhecido terá acerca do nome daquele subúrbio é que o terreno é todo barro vermelho. Mas é engano. O terreno é todo de barro amarelo. Não sabemos a origem do nome Vermelha, o que sabemos é que se trata de um subúrbio ribeirinho, porque quase á margem do Rio Parnaíba, distante da cidade 15 minutos.

O mercado local fica situado á beira da estrada num local bastante inconveniente lá são expostos todos alimentos como sejam carne verde, de porco e de bode, legumes, frutas e outras coisas mais, todas sujeitas a uma boa dose de poeira deixada pelos veículos que trafegam em disparada.

Como nos outros da cidade, não se observa naquele mercado os dispositivos das leis de Saúde Pública, porque, além disso, existe um grande fator, - a falta de fiscalização daquela repartição.

A sugestão que apresentaremos nesta nota, é esta: Mudança do mercado, ou melhor da feira, para outro local. Existe nas proximidades da Fábrica Lucaia uma área muito boa que poderia ser aproveitada para instalação do mercado. E se esta medida fosse adotada redundaria em dois grandes benefícios para os habitantes daquela localidade, primeiro por que ficaria próximo ao porto situado nas adjacências segundo por que se evitaria aquela poeira louca acima mencionada, que contamina tudo que está exposto á venda⁹.

Como pode-se ver, o quadro “O que vai pelos bairros” aborda, via de regra, as deficiências dos bairros suburbanos da cidade, nas zonas sul e norte. Propondo-se ser um agente político, o cronista tenta se colocar na posição de “solucionador” dos problemas urbanos que enfrentam os moradores desses bairros. Ele focaliza, no ano de 1957, bairros como Matadouro, Vila Operária, Piçarra e Vermelha. Na região sul, os dois últimos são os que resumem as necessidades dos moradores dessa região. É importante que se atente sempre para a orientação política do jornal, pois é um fator que demonstra uma crítica mais, ou menos contundente, nesse caso, expõem apreciações contrárias ao governo da UDN.

A cidade começa a se expandir, as distâncias aumentam e o auxílio obrigatório do transporte coletivo não é fornecido de maneira adequada. Consequentemente, esses são alguns dos problemas que afloram no fim da década de 1950. Segundo Façanha (2004, p.

⁹ O que vai pelos Bairros. *Jornal do Piauí*. P. 11, 28 abr. 1957. Ano VI. Nº 498.

181), a década de 1950 inaugura um novo contexto sociopolítico no Piauí. Para tanto, “a urbanização no Piauí entra em uma nova dinâmica a partir de 1950, tendo a nova conjuntura nacional e regional consolidado a ‘cidade’ como o principal centro urbano”.

Como se vê, o tema explorado pelos cronistas do *Jornal do Piauí* é o transporte na periferia da cidade:

O transporte do bairro é um caso deplorável. O passageiro é sempre a vítima da carência de uma rede de transporte mais eficiente e de maior controle na sua organização. Ninguém toma um ônibus sem que receba um molho de uma hora estacionado na parada de uma lotação, que não tem pressa e que o motorista dirige displicentemente, impassível às responsabilidades de quem quer que seja. [...] Tudo isso é do conhecimento de moradores dos subúrbios e de quem os visita, uma vez por outra, servindo-se desse meio de transporte que constitui, em Teresina um problema de difícil solução. [...] Necessário é que se tomem providências no sentido de dotar os bairros de transportes compatíveis com o aspecto moderno de nossa cidade e propiciar uma vigilância continua nas empresas que estão a reclamar emendas na sua organização¹⁰.

Nesse caso, o cronista apoia a modernização do país, mas entra em contradição ao dizer que o problema do transporte coletivo de Teresina está no comportamento dos motoristas, e que a solução seria melhorar a frota. A perspectiva do cronista é o anúncio de uma Teresina ainda provinciana e pouco adaptada aos elementos modernos, tão valorizados na década de 1950. Entretanto, o seu objetivo é mostrar que o mais prejudicado com a má qualidade do transporte é o morador dos bairros distantes. Dessa forma, o cronista sugere que as regiões dos bairros Vermelha e Piçarra desenvolvam-se no quesito estrutura.

Essa constatação pode ser corroborada pela crônica *A Piçarra*, no quadro “A CIDADE” do mesmo jornal, onde o bairro é colocado em um patamar de desenvolvimento para época, porém ainda necessitando de mudanças:

A Piçarra é um dos mais importantes bairros de Teresina já tendo, praticamente, vida própria. Possui cinema, igreja, escola, mercado, farmácia, casas de comércio, e é servida, regularmente, por uma linha de ônibus. Queremos crer, todavia que a Prefeitura deveria emprestar mais atenção ao populoso e florescente bairro. Verdade que se acha em construção o serviço de calçamento de uma das alas da avenida Miguel Rosa, o que já é alguma coisa, mas muito mais poderia ser feito. Há local para uma praça, para um parque infantil e isto seria o mínimo que a Prefeitura deveria fazer em benefício daquela gente. Fica a lembrança: que a aproveite o Prefeito, com os aplausos gerais da coletividade teresinense¹¹.

¹⁰ Coisas do subúrbio. *Jornal do Piauí*. Teresina. p. 7, 12 mai. 1957. Ano VI. Nº 502.

¹¹ A Piçarra. *Jornal do Piauí*. Teresina. p. 2, 1º set. 1957. Ano VI. Nº528.

A zona sul cresceu, ganhou notoriedade e necessitava de maiores investimentos. O bairro se estruturou, foram criados ambientes de lazer, saúde, trabalho, comércio e transporte, constituiu-se um centro regional da cidade na zona sul. Outro ponto relevante é a construção do calçamento de uma das alas da Avenida Miguel Rosa, que tem importância fundamental no crescimento da zona sul, visto que a avenida cresceu na preferência e ganhou habitações em seu entorno.

“As cidades invisíveis” (CALVINO, 2003) contidas em Teresina ficam claras quando comparamos a leitura da última crônica com as de setembro e dezembro também escritas nos quadros “A CIDADE” e “O Que vai pelos bairros”. Teresina, assim como outras cidades, mostra seus contrastes onde o “moderno” e o “atrasado” convivem juntos.

Todos nós sabemos como é triste a situação da população dos nossos subúrbios, especialmente dos afastados das margens dos rios, no que diz respeito ao problema água. Não há água encanada e o povo sacia a sede com água colhida nos poços.

Mas acontece que nem sempre a água dos poços satisfaz o paladar dos que dela se servem, em face dos diferentes sabores que apresentam – às vezes muito cálcio ou muito iodo. Acontece que existe em nossos subúrbios água potável de apreciável paladar obtida de alguns poços com veias subterrâneas excelentes. Agora mesmo o Prefeito da Capital acaba de entregar aos moradores das proximidades do Grupo Escolar Abdias Neves, um chafariz público que abastece de um poço restaurado pelo Edil da municipalidade. [...] Louvamos a medida do sr. prefeito e esperamos que outros chafarizes sejam entregues ao público¹².

Esse contraste entre a Teresina de um bairro suburbano desenvolvido e uma com setores de abastecimento de água deficientes é parte do discurso dos redatores do jornal que querem construir a dicotomia cidade desejada X cidade real. Portanto, ambas são a Teresina dos anos 1940 e 1950. A cidade real são os problemas sociais denunciados pelos cronistas, enquanto que a cidade desejada é a esboçada nos elogios ao desenvolvimento: novas ruas, avenidas, chafarizes, linhas de ônibus entre outros.

A violência também é colocada como problema social daqueles bairros. A coluna “O Que vai pelos bairros”, muitas vezes, desempenha o papel de “página policial” alertando para os crimes que ocorrem nos bairros, além de cobrar providências da administração.

Percorrendo-se os nossos bairros mais populosos pode-se observar a falta de policiais naqueles arrabaldes [...] Os bairros Matadouro e Vermelha, servem de exemplo á nossa advertência, dado os casos já verificados tanto em crimes

¹² A CIDADE. Jornal do Piauí. Teresina, p. 2, 24 out. 1957. Ano VII. Nº 542.

como em roubos ali praticados por pessoas que merecem ser vigiadas pela polícia.

Fazemos este registro atendendo a reclamações de moradores dos bairros acima mencionados e ao mesmo tempo sugerir ao nosso digno Chefe de Polícia destaque ao menos dois guardas para garantir a manutenção da ordem ali, pois quem assim deseja é sua população¹³.

Ao informar que no bairro Vermelha existem “pessoas que merecem ser vigiadas”, o cronista cria um lugar violento na cidade, um local a ser temido por causa dos crimes que lá ocorrem. Diferentemente do bairro Piçarra, o Vermelha não foi celebrado como local pioneiro no desenvolvimento de sua região. Na verdade, foi reconhecido como local de moradia dos mais pobres, o que justifica a falta de assistência por parte do poder público e por isso um local sujeito à ação de criminosos.

Na zona sul, os bairros Vermelha e Piçarra tomaram a dianteira da ocupação e mesmo assolados pelos problemas mais básicos foram dando corpo à essa parte da cidade. O bairro em foco deste artigo, Macaúba, surge do movimento de expansão da cidade em direção à região sul.

No cenário nacional, começavam a se desenhar os governos “populistas”, tendo como um dos exemplos o governo de Juscelino Kubitschek, com o lema “50 anos em 5”. Era uma administração movida pela propaganda de modernização do país. No âmbito regional, a capital do Piauí, Teresina, completava 100 anos em 1952, sendo tomada pela euforia da comemoração do centenário e do desejo de modernização do contexto.

Os cronistas dos jornais O Piauí e A Cidade elogiavam os avanços da cidade, seja na expansão da estrutura urbana, como ruas, iluminação e abastecimento de água, ou no embelezamento da mesma, suas praças e avenidas ainda pouco desenvolvidas nas décadas de 1940 e 1950. O Jornal do Piauí tendia à crítica, por ser ligado ao partido político rival do governo da cidade. Por isso, suas posições em grande parte eram de apontar os problemas da Teresina que queria ser moderna, dado o contexto nacional e local.

Os problemas sociais que eram representados sobre a periferia sul da cidade, até o momento no texto foram discutidos com base no Jornal do Piauí. Outro periódico que surgiu entre os anos de 1950 e 1951 foi o jornal O Dia. Além disso, outros períodos que circulavam em Teresina também informavam os problemas da cidade. O jornal O Dia, ao fazer o registro de informações sobre as necessidades dos bairros da zona sul da

¹³ O Que vai pelos bairros. Jornais do Piauí. Teresina, p.1, 22 dez. 1957. Ano VII. Nº 558.

cidade, corroborava com as afirmações do Jornal do Piauí tornando-se mais uma voz que chamava atenção para o que faltava na capital.

Na Piçarra, principalmente, fomos encontrar o reduto de maior revolta contra o prefeito atual de Teresina. [...] O calçamento, a praça ou jardim, o alinhamento das ruas, a ampliação do Mercado e outras cousas, prometidos à Piçarra pelo dr. João Mendes, caíram no esquecimento. Somente poeira, em maior quantidade, despejou sobre a população do bairro mais populoso de Teresina. [...] Ao menos com a nuvem de poeira constante o prefeito deveria acabar, a bem da saúde dos moradores da Piçarra, molhando ou calçando a Avenida Miguel Rosa até o fim da linha de ônibus¹⁴.

Através do estudo da sequência de crônicas “Quadros da cidade” entre os anos de 1954 e 1957, é possível notar que o cronista faz uma apreciação negativa do prefeito João Mendes. O que chama atenção nesse trecho, por exemplo, são os problemas pelos quais a Piçarra passa, dentre outras características da zona sul expressas na crônica. O bairro mais populoso era a Piçarra, porém, o mercado era insuficiente, as ruas não eram calçadas e a linha de ônibus que passava por lá provocava graves problemas com a poeira. A Avenida Miguel Rosa ainda não era calçada, o que era motivo de muitas reclamações visto a importância que aquela via tinha já naquela época. Como já mencionado acima, este problema foi resolvido apenas em 1957.

Com a expansão da cidade, a Avenida Miguel Rosa foi tomando forma e ganhando importância, até que a ocupação de moradias chegasse à região do bairro Macaúba, já na década de 1950. Assim a região deixa de ser “ocupação”, para se tornar bairro. Paralelamente à expansão protagonizada por Teresina, o bairro Macaúba ganhava identidade aos poucos, demonstrando as características naturais e sociais que o identificariam como Macaúba.

Os incêndios destroem e constroem: zona Sul

A Teresina da década de 1950 era uma cidade que já havia passado por diversos acontecimentos marcantes, que influenciaram, principalmente, o cotidiano dos mais pobres da cidade, ocasionando um reordenamento dos espaços dentro de um período de três décadas antes dos anos 1950. Os incêndios que ocorreram nas casas de palha ao redor do centro da cidade entre os anos 1930 e 1940, “empurraram” esse modelo de habitação para distante do centro, fazendo com que surgissem novos bairros, como o

¹⁴ Quadros da cidade: Piçarra Esquecida. O Dia. Teresina p. 4. 19 jul. 1953. Ano III. Nº 129.

Piçarra e o Vermelha. O nome dos bairros legitima o lugar e indica onde as pessoas deveriam morar. Esse aspecto foi uma estratégia do governo, aumentando o espaço do comércio e de serviços da cidade na parte central e propondo outros lugares para os trabalhadores. Em 1953, o cronista da coluna “Quadros da cidade”, no jornal O Dia, relembra os incêndios para comparar a capital de épocas diferentes.

Teresina nos dias malfadados da Ditadura, ardendo em incêndios das casas de palha, com a sua população em sossego, prestando vigilância dia e noite aos seus lares, e ainda quando a luz elétrica faltava menos do que agora servindo de campo aberto para a gatunagem, não apresentava um aspecto desolador como este de hoje¹⁵.

A obra *Cidade Sob Fogo* (2002) não demonstra uma situação em que moradores têm suas casas queimadas, como sendo melhor do que a atualidade do cronista, em 1953. O discurso politicamente orientado visando desqualificar a administração do prefeito, leva o cronista a se utilizar de um acontecimento conhecido pela população de Teresina, sobretudo naquela época, e explorá-lo ao seu favor e no seu presente na forma que coube ao seu interesse. Em outras palavras, a situação de perda da sua moradia é alarmante em qualquer período.

Desde a inauguração da cidade no século XIX, as habitações cobertas por palha eram utilizadas por grande parte da população, inclusive setores de classe média e abastada de Teresina. Esse quadro era compreensivo, segundo o autor, e baseando-se na crença popular, os telhados de palha proporcionavam uma melhor adaptação ao clima quente da região, pois diminuía a temperatura interna das residências.

No decorrer da primeira metade do século XX, o número de casas de alvenaria e telhados com telhas de argila cresceram, mas a superioridade numérica das casas cobertas com palha continuou e isso desenvolveu um grande problema para a cidade, por causa do grande número de casas que a cidade adquiriu, visto o seu crescimento. A forma arbitrária de “resolver” essa situação foi determinar o afastamento dessas construções da zona central da cidade. Francisco Alcides do Nascimento (2002, p. 224-225) analisa o código de postura da cidade de 1939 que determina esse afastamento das “casas populares”. Segundo ele,

¹⁵ Quadros da cidade: Pior seria Teresina. O Dia. Teresina p. 2 15 nov. 1953. Ano III. Nº 146.

No capítulo que trata das casas populares, os autores do Código definem onde podem ser construídas as chamadas “casas populares”. “Na zona suburbana, a uma distância nunca inferior a cem (100) metros da zona urbana, e na zona rural, será permitida a construção de casas populares de um só pavimento...”¹⁶. Dois elementos neste trecho chamam a atenção: a tese da “limpeza” da cidade ganha força porque o Código de Posturas proíbe a construção de edifícios de um só pavimento na zona urbana. A intensão (sic) dos autores do Código era transformar aquela zona em local de moradia daqueles que podiam construir casas com mais de um pavimento. Tal tendência pode ser confirmada, especialmente, na principal avenida da cidade – Frei Serafim.

Os espaços segregados entre pobres e ricos são construídos através de editos como o Código de posturas de 1939, que está dentro do contexto do Estado Novo. Este foi construtor de grande parte da segregação urbana que herdamos, pois a ideia de modernização autoritária da cidade justifica outras atitudes violentas, que podem ser tomadas dentro da cidade, como nesse caso no qual se tenta ocultar a imagem da pobreza afastando-a do convívio “burguês”. O Código de 1939 demonstra sua forma violenta quando justifica o fato de ser permitida a construção de casas de palha e com apenas um piso, chamadas de casas populares, somente em zona afastada, supostamente por se tratar de uma região sem a oferta de serviços de transporte, água, luz, dentre outros. A oferta de políticas sociais que buscassem a igualdade urbana não existia, pois o propósito do código era “montar” a vitrine da cidade, exaltar o que era considerado belo e moderno e excluir aquilo que é visto como pobre, feio e atrasado.

A política do afastamento da pobreza é uma constante no trato com o ordenamento urbano. À medida que Teresina crescia, expandiam-se os subúrbios para regiões mais distantes, e, desse modo, o fogo atuava como afastador da população pobre para alterar o cenário da cidade, ao retirar as casas de palha do centro da cidade.

A disposição das casas muito próximas uma das outras, a palha do coco babaçu usada como cobertura para essas casas, o querosene (combustível das ‘lâmparas’) e o uso da lenha e/ou do carvão nos afazeres domésticos, preparava uma situação propícia para a ocorrência de incêndios. No entanto, esse contexto não foi o definidor do grande número de incêndios ocorridos naquela época. Francisco Alcides do Nascimento (2002, p. 237) identifica no discurso dos escritores da época, utilizando, sobretudo o Diário Oficial, que os incêndios teriam motivação criminosa e praticada pelo próprio Estado: “quando o Chefe de Polícia, ao chamar as casas incendiadas de casebres ou palhoças pode-se fazer outra leitura: esse tipo de habitação era responsável pelo aspecto de feiura e falta de higiene que marcavam a periferia da cidade”.

¹⁶ TERESINA. Código de Posturas de Teresina. Teresina, Diário Oficial, 1939.

A afirmação do Chefe de polícia reforça a característica criminosa dos incêndios, o que explica o aumento da construção de casas feitas com material não inflamável. Dessa maneira, do grande número de casas de palha que continha Teresina no início dos anos 1940, a maioria concentrava-se na região sul da cidade,

Barrocão (hoje av. José dos Santos e Silva), Estrada do Poti (av. Higino Cunha), Matinha, Vermelha, Estrada da Catarina (av. Celso Pinheiro)¹⁷ foram atingidos por uma sequência de incêndios. A Polícia, embora suspeitasse que a origem deles fosse criminosa, não tinha conseguido sucesso algum nas suas averiguações (NASCIMENTO, 2002, p. 237).

O único local observado pelo autor, que não fica na zona sul é o bairro Matinha que se encontra na zona centro Norte da cidade, por isso quando se pensa na zona sul da cidade entre as décadas de 1940 e 1950, temos uma zona densamente povoada, mal servida de estruturas públicas e assolada por problemas que chegavam a ser de grandes proporções como os incêndios.

Zona Sul, Bairro Macaúba e os Carvoeiros

A zona sul dos anos 1940, das margens do rio Poti às margens do rio Parnaíba eram zonas periféricas da cidade. Bairros criados na época como São Pedro e Tabuleta ficavam distantes do centro da cidade, fazendo com que as pessoas que perderam suas casas em zonas centrais como a região do Barrocão, devido aos incêndios, se deslocassem para locais mais afastados. Somente nesses novos bairros, segundo a interpretação dos gestores públicos, seria permitida a construção de casas mais baratas como as cobertas por palha. Naquela época, o crescimento demográfico foi bastante significativo, representando grande impacto no crescimento dos bairros de periferia, sobretudo na parte sul de Teresina. Pessoas vindas de várias cidades e localidades do Estado e de fora dele, acreditavam poder encontrar novas oportunidades na capital do Piauí, que já despontava na região como referência no Estado.

Ao sul do bairro Nossa Senhora das Graças, entre o Estande de Tiro de Teresina e o bairro Vermelha (NASCIMENTO, 2002, p. 236) era uma região sem denominação,

¹⁷ Hoje a Avenida Celso Pinheiro está dividida em Av. Odilon Araújo e Av. Celso Pinheiro.

mas, que posteriormente tornou-se o bairro Macaúba. O que chama atenção para essa região é o fato da sua proximidade com o centro ser maior que a do bairro Tabuleta. Nota-se que a demarcação e ocupação do bairro Tabuleta é da década de 1940, sendo que é um bairro mais distante do centro que o Macaúba, porém, este último teve sua ocupação apenas na década de 1950.

Regianny Lima Monte (2010), ao trabalhar com a zona norte da cidade, constrói um mapa da ocupação urbana cronológica da mesma, mostrando como foi a ocupação dividida por década da cidade de Teresina. Na zona sul, percebe-se que a ocupação do bairro Tabuleta é anterior à ocupação do bairro Macaúba (figura 2).

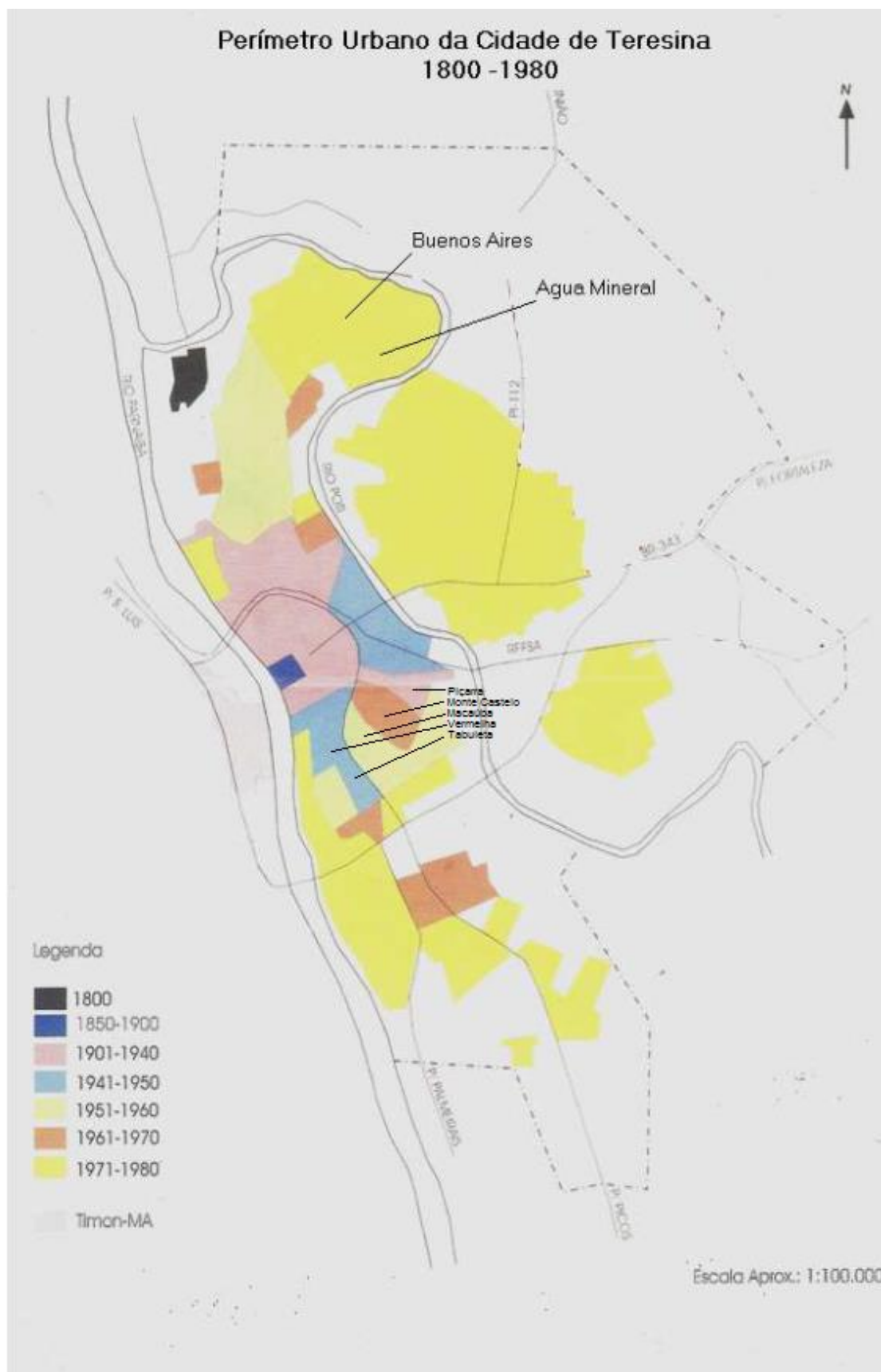


Figura 2: Evolução do perímetro urbano da cidade de Teresina.

Fonte: MONTE, 2010, p. 83.

Além do mais, Regianny Monte (2010) identifica os bairros objeto de seu trabalho na zona Norte de Teresina: Água Mineral e Buenos Aires. Foram feitas alterações, para efeito de melhor compreensão deste trabalho, na parte que representa a zona Sul da cidade, identificando a área dos bairros Piçarra, Monte Castelo, Macaúba, Vermelha e Tabuleta.

O fato de regiões como o bairro Macaúba e o bairro Tabuleta terem tido momentos de ocupação diferentes pode ser justificada pela função que a região do bairro Macaúba desempenhava no contexto da cidade na época. A Prefeitura de Teresina, na ocasião da gestão do Prefeito Wall Ferraz no ano de 1994, produziu uma cartilha explicando características dos bairros de Teresina: *Teresina em bairros*. Cada bairro é apresentado com um pequeno “Histórico” explicando sua origem ou porque recebeu tal nome, no caso do bairro Macaúba:

O bairro foi assim chamado porque lá havia grande concentração de macaúba, palmeira de fruto amarelo-pálido. Já foi conhecido também por bairro dos Carvoeiros já que muitos de seus habitantes viviam dessa atividade, favorecida pelos grandes depósitos de carvão vegetal na área¹⁸.

Essa fonte faz referência aos protagonistas da origem do bairro. Os carvoeiros são trabalhadores da produção de carvão vegetal que foram, durante muito tempo, essenciais para a economia de Teresina. Sua produção e suas moradias concentravam-se nesse território, desde os anos 1940 até meados dos anos 1960. O breve histórico do bairro refere-se ao fato de a região ser conhecida como bairro dos Carvoeiros, anteriormente ao momento em que a região é conhecida como bairro Macaúba.

Os trabalhadores do carvão foram membros excluídos do convívio próximo do urbano, haja vista o tipo de trabalho que desempenhavam. Nos dias atuais, as carvoarias são utilizadas como matriz energética para grandes indústrias e usinas, esses setores de produção primários estão constantemente envolvidos em crimes ambientais e denúncias de escravidão contemporânea.

Os impactos das carvoarias nos dias atuais no que remete a outros problemas, como ao meio ambiente, ao sistema de trabalho e à dignidade humana é bem mais agressivo do que foi na primeira metade do século XX em Teresina, pois a demanda pelo carvão, atualmente, para alimentar indústrias que produzem em larga escala produtos

¹⁸ TERESINA, Prefeitura Municipal – Secretaria Municipal de Planejamento. Teresina em bairros: Centro/Macaúba – 1994: 108.

de baixo custo é maior que a demanda por esse produto em 1940, não excluindo a importância que esse serviço teve na cidade, durante parte do século XX.

A fonte utilizada para geração de energia elétrica em Teresina foi material até a década de 1960, pois, somente na década de 1970 foi inaugurada a Barragem de Boa Esperança, usina hidroelétrica no rio Parnaíba que teria a função de alimentar de energia elétrica o estado do Piauí. Sem a oferta de energia elétrica em grande escala, pois esta era utilizada somente na iluminação pública durante parte da noite, os trabalhos domésticos não recebiam nenhum auxílio de eletricidade, fazendo com que o uso de instrumentos como o pilão, ferro a carvão e fogão à lenha ou a carvão fossem “regras” nas casas de Teresina.

O preparo de alimentos doméstico e comercial, o que já se praticava na cidade, era feito por completo pelos fogões e fogareiros a carvão. Material de fácil combustão, utilizado em locais que poderiam ser construídos a preços baixos, o carvão ganha importância na dinâmica da sociedade como um produto invisível, devido à falta de reconhecimento, mas importante para a sobrevivência da cidade.

O produto era essencial, mas a sua produção não era aceita no convívio urbano. Naquele período, o carvão era produzido em caieiras, que consiste em escavações no solo com aproximadamente 2 metros de comprimento e 1,2 metros de largura e 70 centímetros de profundidade, onde é colocada madeira verde e seca de várias espessuras em sentido transversal. Esse material é coberto por folhas verdes e à medida que o espaço da caieira vai sendo coberto por areia, o fogo é aceso sobre folhas e madeira. Dessa forma, a caieira toma a forma de um monte ardente e fumegante, com uma pequena abertura no topo, fazendo com que a madeira se torne o torrão resistente, preto e de melhor combustão. O processo da queima durava aproximadamente 3 dias. O resfriamento durava de um a dois dias. Logo, o carvão podia ser colhido para ser utilizado nas diversas casas de Teresina.

A prática da produção de carvão em caieiras é bastante comum até os dias atuais, nas zonas rurais de todos os municípios do Piauí. Nesse caso, como as casas são distantes uma das outras, é possível se produzir o carvão em local próximo à residência, pois até hoje é muito comum o uso de fornos, fogões e fogareiros de carvão para o preparo de alimentos em zona mais afastadas do espaço urbano dos municípios.

O exercício da carvoaria exigia vigilância e distância do convívio social. Para suprir toda a cidade de material energético era necessário um espaço significativo

reservado às múltiplas caieiras e devido à alta demanda, o estoque deveria ser constantemente renovado e protegido. A produção exigia que o carvoeiro residisse próximo das caieiras, também exigia que fossem grandes grupos de trabalhadores, visto que a dinâmica do trabalho exigia grande esforço físico. Também era necessário vigiar diariamente para que a caieira não fosse alterada, protegê-la de umidade para que o produto não estragasse e, principalmente, era necessário cuidar para que o produto não fosse furtado, pois era fonte de renda e sustento de muitas famílias.

O espaço que deveria ser distante do centro da cidade, sobretudo da parte burguesa elitizada, aos poucos foi se tornando o atual espaço do bairro Macaúba. A forma de ocupação desses trabalhadores não observou princípios legais regidos pelo poder público, ocorrendo pela oferta de madeira que poderia ser queimada e transformada em carvão. A utilização do espaço ordenou a ocupação do mesmo, as decisões sobre o local onde seria desenvolvida a produção foram tomadas com base no direito consuetudinário. De maneira menos formal, a ocupação do bairro se baseou em costumes e na tradição, o que ordenou o espaço da cidade na região atual do bairro Macaúba, o qual tinha uma função econômica e social que “não condizia” com a ocupação de moradias até a década de 1940. A ocupação da região pelos produtores de carvão se deu pela apropriação do direito de exercer o trabalho. A posse da terra não era dos carvoeiros, mas alcançaram essa posição pelo usufruto que faziam dela¹⁹.

A exclusão social dessa atividade não se fundamentava apenas no âmbito espacial. A exclusão de classes oferece também bases de sustentação para a exclusão social desses trabalhadores. Atuar como carvoeiro exigia lidar com um trabalho “sujo” que enegrecia a pele com a cor do carvão e da fuligem, causava grande desgaste físico, suor, calos nas mãos, arranhões causados no momento do corte da madeira. Os trabalhos que exigem esforço físico, no geral, são considerados de nível inferior e de acordo com o grau de desenvolvimento dos países são mais ou menos excluídos do convívio social. No caso da dinâmica da cidade de Teresina é possível supor que o trabalho com as caieiras fosse objeto de discriminação.

Esses homens e mulheres constituídos em famílias trabalhadoras desenvolveram sua produção em determinado espaço, fazendo com que o lugar da produção se confundisse com o lugar da profissão. A memória daquela época reforçou o nome da profissão e a palavra “carvoeiros” tornou-se mais significativa do que qualquer outro nome que fizesse menção ao lugar como o local da produção de carvão, como Caieiras ou

¹⁹ Conferir Thompson (1998, p. 150-202) sobre o Direito consuetudinário dos trabalhadores do campo.

Carvoaria. Essa memória delega posse do espaço aos carvoeiros e muito antes que outros moradores passassem a ocupar o local, este já era conhecido como o espaço desses trabalhadores.

A importância desse grupo de trabalhadores não se baseava apenas no carvão. Eles ficaram conhecidos no imaginário popular dos habitantes do bairro e de regiões próximas, por manter um poder paralelo ao do estado no local, sobretudo no que diz respeito a venda do carvão. Por vezes usavam a violência e a coação. A dureza do trabalho, a situação de exclusão social e a discriminação pela cor de pele motivavam a “brutalidade” desse grupo. Este era seu argumento de defesa, utilizar-se da força para que não houvesse interferências externas na sua profissão e no seu espaço, criando, assim, um grupo marginal, por isso indesejado, mas forte economicamente. Para além de sua força e situação excluída, era um grupo necessário ao funcionamento da cidade. Esses indivíduos acabaram por influenciar nos modos de vida dos moradores que passaram a ocupar a região entre os anos 1940 e 1950.

Aquela região não estava nos planos de ocupação traçados pelo poder público durante a década de 1940. Ao contrário dos bairros São Pedro e Tabuleta, que tiveram seus terrenos demarcados antes da ocupação maciça de moradores, no bairro Macaúba a ocupação aconteceu antes da demarcação de ruas e terrenos. O uso foi anterior à norma. Como nos informa a Lei nº 17, do Município de Teresina de 1940, principalmente, o poder municipal, além de ter menos noção dos limites da zona sul que da zona norte, não definiu os lugares que seriam demarcados para que as determinações de ruas e quarteirões tivessem mais liberdade ao serem implantadas, não objetivando o bem-estar da população, mas sim para que não ocorressem problemas com “antigas” ocupações. Por isso, passou a ser mais eficaz demarcar locais antecipadamente, sem interferência de outras moradias.

Os moradores que optaram pela região “das caieiras”, ou seja, a região do bairro Macaúba, local onde os Carvoeiros moravam e trabalhavam, o fizeram por necessidade. As regiões demarcadas pela prefeitura se valorizaram, fazendo com que as pessoas mais pobres, sem condições de adquirir terrenos em bairros como o São Pedro e o Tabuleta ocupassem o local próximo às caieiras. Um local considerado insalubre por causa da grande quantidade de fumaça expelida, e, por isso, não recomendado para se morar.

O bairro Macaúba ficou, dessa forma, “mal visto” pelas pessoas de fora, porque seu nome ainda no início de sua formação era associado ao carvão, e, sobretudo, aos

carvoeiros. Para aquelas pessoas que fixaram moradia no local os problemas eram os mesmos: o carvão era um incômodo, mas o “bando” de carvoeiros era ainda mais ameaçador. Para os moradores dessa região, que não trabalhavam com o carvão, e não tinham vínculo com esse grupo, era como viver sob o domínio de um poder local baseado na violência dos carvoeiros.

Os motins da fome, descritos por E. P. Thompson (1998) na Inglaterra, do século XVIII, desenvolveram a forma de regular a venda de alimentos no campo em muitos locais da Inglaterra. O objetivo não planejado era o de proteger a capacidade dos mais pobres de comprar alimentos em períodos de escassez. Essa organização não legitimada, em leis escritas, se confunde com o poder estabelecido pelos carvoeiros na região em que moravam, pois devido à ausência do estado enquanto mantenedor da ordem pública as relações sociais e econômicas se pautavam na “lei do mais forte”. A produção de carvão lhes conferia poder econômico, devido à alta demanda do produto, e o corporativismo do grupo estabelecia normas próprias que se adequavam as necessidades do grupo e ao bem estar deles. Isso reafirmava o poder local dos carvoeiros na região.

Considerações Finais

É importante considerar que a cidade de Teresina é uma cidade não homogênea e as “diversas cidades” que existem dentro dela mesma só podem ser compreendidas dentro de uma concepção holística. Esse texto teve o objetivo de posicionar a cidade de Teresina, ressaltando uma parte desta, em um contexto que é atravessado por influências amplas de perspectiva nacional e internacional, como o Estado Novo, o pós 2ª guerra mundial e a redemocratização, mas que também recebe influências específicas de caráter tradicional, a saber, o uso de uma matriz energética ultrapassada e a fragilidade das instituições públicas que ainda estavam se constituindo.

Observou-se nessa análise da expansão espacial da cidade de Teresina que nem sempre o poder público é o definidor da apropriação dos espaços de uma cidade, mesmo que este muitas vezes se imponha de uma forma arbitrária. Nota-se que as sociabilidades e costumes herdados também se impõem sobre algumas determinações do Estado, fazendo valer mais aquilo que é tradicional do que o imposto. E, no caso dos carvoeiros, essa “tradição” é indesejada e encarada pelos valores burgueses como um “mal necessário” naquele contexto.

Esse “caldeirão” político, social e cultural que deu forma ao bairro Macaúba, em Teresina, é aquilo que o torna único e ao mesmo tempo semelhante a outros bairros que cresceram em outras cidades. Chama-se atenção aqui para as mudanças ocorridas na cidade, seja pelo Poder Público, seja pela mera transformação social que os espaços sofrem. Essas mudanças alteraram vivências, (re)significando-as e construindo heranças marcantes para a posteridade.

TERESINA (PIAUI - BRAZIL) UNDER THE CONTEXT OF A DISTRICT: EXPANSION, MODERNIZATION AND ORIGIN OF THE MACAÚBA DISTRICT (1939-1957)

Abstract: The capital of Piauí, Teresina, underwent the same processes of modernization than other capital cities, apart from population growth between the 1940s and 1980s. The purpose of this paper is to characterize the spatial expansion of the city of Teresina during these decades, especially the popular neighborhoods, Vermelha, Piçarreira, Nossa Senhora das Graças, Tabuleta, Pio XII, São Pedro, and especially Macaúba in the South zone city. Seeking to focus on the sociability that constituted the researched region searched through the sources of newspapers sources City newspapers, Jornal do Piauí, Piauí and O Dia, in addition to reports and messages from municipal and state executive in order to understand the origin and formation of the neighborhood tensions and problems.

Keywords: Modernization. City. Memory.

Referências

BARBOSA, Marialva. *História cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BERNARDI, Célia de. *O lendário Meneghetti: imprensa, memória e poder*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

BLOCH, Marc. “Introdução”. In: _____. *Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra* – São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 41– 48.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRITO, Thiago Oliveira da Silva. *Assim viveu Zaratustra: tensões na construção da memória de um Bandido-herói*. (Timon, 1986-1992) Teresina, PI: 2007. (Monografia: Graduação em História – UFPI)

_____. *Zaratustra Yáscara Douglas: a construção da fama de um “mito do crime”* (Timon, 1968-1992) Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Teresina: 2012.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Táticas caminhanças: cinema marginal e flânscias juvenis pela cidade. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 27. Nº 53. 2007 p. 177-194

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª ed. Petrópolis:

_____. *A operação historiográfica*. In: _____. *A escrita da história*. 2 eds. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000 p. 65-130.

CORREA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.

DARNTON, Robert. História e antropologia. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 338-362

DUBY, Georges, *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Editora Vozes, 2008.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. *Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens*. Teresina: Ed. UFPI, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 25ª Edição 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1978.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007,

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos – 4. Ed.* – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____; RANGER, Terence (org.) *A Invenção das Tradições*. - 2ª Ed – São Paulo: Paz e Terra, 2012

_____. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. – São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LEFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MARQUES, Juliana Bastos. *O conceito de Temporalidade e sua aplicação na historiografia*. *Revista de História e Historiografia* Nº 158, 2008/01, p. 43 – 65.

MONTE, Regianny Lima. A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação de Mestrado UFPI – 2010.

MONTENEGRO, Antônio. História oral e memória: cultura popular revisitada. 6. Ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)* – Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. *Sonhos Ucrônicos: memória e possíveis mundos dos trabalhadores*. Projeto História, São Paulo, 1993, p. 41- 59.

SANTANA, R. N. Monteiro de (org.) *Piauí: Formação- Desenvolvimento- Perspectivas*. Teresina, Halley, 1995.

TERESINA, Prefeitura Municipal – Secretaria Municipal de Planejamento. *Teresina em Bairros: Centro/Macaúba* – Piauí: 1994.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOBRE O AUTOR

José Ribeiro do Nascimento Neto é mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí; professor de História do ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Teresina.

Recebido em 01/04/2015

Aceito em 18/05/2015